POP VERSUS BARROCO

JÚLIO HENRIQUES E JOSÉ LUÍS FINO

... «e aqui se prova mais uma vez como os cançonetistas e os meios de divulgação servem de presa fácil aos industriais da versifalsificação da pior espécie naquilo que tem de mais deseducativo, embora, claro, eu não seja totalmente contra o sonho, eu sonho, por exemplo que a programação da Televisão portuguesa há-de melhorar»... —— Mário Castrim, in «TV dia a dia», Diário de Lisboa de 23/9/68.

TENTAMOS apenas, com a organização de meia dúzia de audições comentadas, contribuir, embora de maneira esquemática, para o conhecimento de algumas das coordenadas da música popular de hoje.

Isto surge-nos urgente. É aflitivo verificar quanta da juventude actual (e não só a juventude, diga-se de passagem) vive com enormes «lapsos» de gosto, deixando-se fàcilmente levar pelas campanhas publicitárias feitas à volta de cantores de belas fachadas, belas fatiotas, belos sorrisos, belas aventuras — tudo em beleza, dissonante e superficial.

Não nos detemos aqui nas «questões de gosto», nas bitolas. Não pretendemos seguir na música a tábua estética de Hegel. Apontamos, apenas, e muito ao de leve.

A maioria da música popular actual é, entre nós, como se sabe, de importação. Vem para cá em francês e inglês, sobretudo. E normalmente não se atende à *letra*.

Sendo línguas estrangeiras, restam acessórias. E o que fica é o ritmo, essencialmente.

Mas se há cantores que continuam a cantar (?) as estafadas e horripilantes canções de amores frustrados, com desesperos, solidões e etc. a rodos (e que se limitam a isso), é bom

Continua na página nove

JULIETA DOS ESPÍRITOS

DUAS CENSURAS A UM FILME

AO FÉLIX BORGES

ANÇÃ REGALA *ou da psicanálise pessoal como salvação*

PARA lá de ter que me reduzir às imagens que me apareceram, por vezes demasiado inconsequentes, bem sabemos porquê; para lá, também, de só ter visto este filme uma vez, e o filme, porque incomoda, nos obrigar a revê-lo; e para lá, ainda e ao que parece, de pouca gente na sala o ter visto, Julieta dos espiritos é um filme sobre o qual vale a pena falar, ainda que não se vá além de um apontamento de censura que julgo útil.

Uma pessoa vive enquadrada em situação; essa situação define a pessoa quando esta a assume como a pessoa se define, sempre, numa e em relação a uma situação. Uma situação, porém, sendo aparentemente um espaço de aqui num tempo de agora é, bem no entanto, e nesse preciso momento em que é, um complexo de estruturas vastíssimo em diacronia. Não posso dizer, num sentido amplo e de significação total, que estou no meu quarto a escrever; isso nada diz porque muita gente escreveu no seu quarto, e esta afirmação esvazia-se de sem-conteúdo. Mas se eu me definir numa sincronia espacial (tantos de tal do ano tal no meu quarto que contém isto além de me conter e está num prédio da avenida ou rua da cidade x, com características urbanas e sociais e culturais determinadas e determinantes em relação à população total do país y a que pertence e que se constitui desta forma e daqueloutra; faz parte de um conjunto geográfico que reenvia a características sociais, políticas, históricas, etc., excluindo já alusões precisas à minha alimentação, hábitos rotineiros, modo de higiene, localização psicológica, etc.) ou num conjunto que mantenha viva essa localização; e se a

Continua na última página

DOIS LIVROS

Os prelos deram-nos, quase simultâneamente, dois livros particularmente assinaláveis nos fastos da cultura aveirense: «Luís de Magalhães e a Evolução do seu Lirismo» e «Os Povos do Baixo Vouga». O primeiro é estudo consciencioso do distinto poligrafo Miranda de Andrade e aparece agora em cuidada separata do «Boletim da Biblioteca Pública de Matosinhos»; o segundo — edição das Câmaras Municipais de Ilhavo e da Murtosa e da Comissão de Turismo da Torreira — vem, por louvável

Continua na última página

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

As 21 h. e 30 m. de anteontem, o Senhor Presidente da República, numa proclamação ao País, anunciou a nomeação do Senhor Professor Marcelo Caetano para Chefe do Governo, em substituição do Senhor Professor Oliveira Salazar.

O Senhor Almirante Américo Tomás justificou a decisão, em breves e compungidas palavras, com a doença que acometeu gravemente Salazar, já que «perdidas todas as esperanças, mesmo que sobreviva, de poder voltar a exercer, em plenitude, as funções do seu alto cargo», «os superiores interesses do País têm que prevalecer sobre quaisquer sentimentos, por maiores e mais legitimos que pareçam».

Entretanto, e confirmando-se as esperanças do neurocirurgião Houston Merritt, o Senhor Doutor Oliveira Salazar tem sobrevivido às crises que o acometeram, embora o seu estado continue grave e com prognóstico reservado.

Cada cabeça... sua sentença

COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

A IMPRENSA LOCAL EM FOCO

O *recente* I Encontro da Imprensa não diária das Beiras, *efectuado em Viseu, permitiu aos «homens de boa vontade que devotadamente trabalham na Imprensa Regional Beirã» a discussão de alguns problemas relacionados com a acção dos vários jornais que nas Beiras se publicam, «e são cerca de meia centena, no serviço às localidades e regiões a que mais imediatamente estão ligados».*

Ignoramos se a Imprensa local esteve ali representada, mas as respectivas conclusões vieram a lume, oportunamente, nos jornais diários e mereceram, até, uma bem fundamentada Nota do Dia *no vespertino «A Capital» de 16 do mês corrente. Vinte e quatro horas depois, também em* Nota do Dia, *voltaria o mesmo diário a referir-se à Imprensa portuguesa para, entre outras coisas, dizer: «Nós sabemos muito bem o que dela se pensa, o que dela se exige e o que a ela nem sempre se perdoa». Para isto dizer... «e, sobretudo, para tirar dos factos as ilações que eles comportam e salientar, uma vez mais,*

Continua na página dois

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

quanto são imerecidos e injustos os obstáculos que, tantas vezes, embaraçam o exercício da nossa profissão e as dificuldades com que temos de lutar para a cumprir dignamente».

A referência «nossa profissão» não será, evidentemente, connosco, já que amadores nascemos e amadores ficaremos toda a vida. Mas o reconhecimento de uma triste realidade não nos impedirá, também, de acrescentar (aliás transcrevendo parte de Um Apelo ao Leitor *do «Comércio do Funchal» de 14/4/68) «que um jornal não é só os que o elaboram — é sobretudo os que o lêem. Se a autocrítica tem aspectos positivos, por si só ela não basta. Um jornal é para ser lido — e é o leitor quem melhor sabe o que lhe agrada no jornal que compra».*

Ora, foi com base nas palavras transcritas (reproduzir será, pois, a nossa profissão) que engatilhámos a pergunta da semana e, com ela, nos emiscuímos um pouco, talvez, nas atribuições do próprio LITORAL, de que somos meros colaboradores desinteressados e onde, positivamente, não pretendemos ser mais papistas que o Papa, embora alguns nos acusem de fazer o jogo da casa. *Da casa que aceita, afinal, as incomodidades e os riscos de ter franqueado as portas não diremos a gregos e troianos, mas a diferentes maneiras de encarar os temas que livremente vêm sendo propostos nesta secção ora doce, ora amarga secção, e que só não é de toda a gente porque seria estultícia da nossa parte tentar abarcar o mundo com as pernas. Da casa ainda que, face às respostas por nós obtidas, não deixará, entretanto, de interrogar-se (e por que não toda a Imprensa regional?), como, conscientemente, o fez, volvido que foi o primeiro ano de publicação na sua nova fase, o aludido «Comércio do Funchal», também adiante apontado, como exemplo, por um dos nossos inquiridos: «Que se fez até agora? Como foram cumpridos os objectivos propostos? Em que medida o jornal tem interpretado o mundo e a sociedade em que se insere? Como tem cumprido o seu papel de semanário regional? Têm, os diversos problemas abordados, sido debatidos de uma forma objectiva? E em que medida tem sido ele a apregoada «porta aberta ao diálogo?».*

Pelas respostas recolhidas, como pelo exame de consciência que elas nos sugerem, achámos bem ter, pura e simplesmente, perguntado:

— ESTÁ SATISFEITO COM A IMPRENSA LOCAL? PORQUÊ?

UM PUBLICISTA

Penso que nem os directores dos jornais poderão dizer que sim! As causas são gerais e não vale a pena determo-nos nelas, aqui e agora. Mas há circunstâncias peculiares a Aveiro que já merecem referência, neste relance.

Todos os dias assistimos, nos jornais diários ou na Imprensa regional, à publicação, por parte das autoridades administrativas, de esclarecimentos sobre as obras ou projectos em curso, bem como de respostas aos comentários que suscitam. Em Aveiro é que nunca, sejam estes, embora, subscritos por pessoas como o sr. desembargador Mello Freitas ou o sr. dr. Querubim Guimarães! A Imprensa (ou, melhor, a opinião pública) foi posta à margem da «cidade»... Uma secção intitulada *A Quem de Direito* seria inconcebível entre nós: ninguém a atenderia, parece!

Face a isto, que pode a Imprensa?! Fazer *crochet*, quando muito. E, todavia, há na cidade um elenco de pessoas que se têm revelado aptas a versar os mais diversos temas. Constituí-las em Conselho Redactorial, talvez fosse um abre-te sésamo. É esse, pelo menos, o meu alvitre.

Noutro plano, noto que Aveiro não funciona, em sentido lato, como capital de distrito que é. Os seus concelhos do norte tendem a ligar-se ao Porto, os do sul a Coimbra, os de nascente a Viseu... Há várias causas para isto: maus acessos, insuficiente industrialização do concelho de Aveiro, atraso do desenvolvimento portuário, etc.

Uma coisa é certa, quanto à Imprensa da cidade: apenas reflecte este, não o distrito. O simples noticiário social, que alguns correspondentes enviam, apenas ilude a questão: é preciso que a Imprensa de Aveiro seja a voz do distrito, caso contrário este só existe na nomenclatura burocrática. O problema, aliás, é extensivo às Beiras: para quando um diário que seja *delas*, e não de Coimbra apenas?

UM EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

É notório que tem uma acção, processando-se embora a um nível de amadorismo. É claro que a *acção* depende directamente da colaboração. Interessam-nos nela, quanto a mim, textos simultâneamente de informação e de conhecimento futurizante. A sua *mesa-redonda* sobre o «Bonnie e Clyde» é um exemplo. Rememorações? Improdutivas, ou pelo menos nada actuantes.

A Imprensa regional não precisa necessàriamente de se limitar a termos regionais, se se inscreve num plano nacional. O regionalismo fechado não justifica, parece-me, uma Imprensa. É preciso que os assuntos não morram no local, mas que o transponham. As «notícias» e os temas de circunstância regional? Para quê, se eles fecham o muro? Como muito bem referiu Alípio Ribeiro num n.º anterior do LITORAL, não deve encarar-se o regionalismo como uma defesa puramente sentimentalista das *coisas* que afectam a cidade. Deve ser visto num sentido perspectivante, clarificador, de interesse actuante — mesmo que com isso surja o escândalo. O escândalo também é necessário, para remover muita da poeira que nos fecha. Não fazer, como alguns órgãos, uma «defesa» de assuntos restritos e passados, de compadrios e companhia. Parece-me que a Imprensa regional deve actuar fora do âmbito local — ou então estiola.

De notar, aqui em Aveiro, a falta dum «suplemento literário». Porque é que nenhum dos jornais o não tem já? A poesia é necessária... É evidente que todos temos uma participação interessada no movimento do burgo. Mas terá ela que ser «bem comportada» e caladinha na sua toca?

A falta de poesia. Reajo como amante dela, mas acho que não é um ponto de vista unilateral.

Outra coisa que me parece faltar nos jornais de cá é a crítica de cinema. Há valores para o fazerem! Veja-se o exemplo do «Comércio do Funchal», o melhor jornal regional que conheço: conseguiu, à força de teimar, que muitos filmes de interesse urgente fossem exibidos na ilha. Cá, julgo eu, podia fazer-se o mesmo.

A incomunicabilidade. Ainda na semana passada J. Sarabando Moreira o disse, também no LITORAL. O jornal deve servir de aproximação. Interessar a juventude. Por que não uma página juvenil? Grande parte da gente nova da cidade não conhece o LITORAL, não o lê. Que diabo, a dialéctica não faz mal a ninguém...

No que se refere à apresentação gráfica, acho que deveria actualizar-se. A maioria dos semanários regionais não a tem boa. Refiro ainda o «Comércio do Funchal», como exemplo. Também neste aspecto é o melhor que conheço. No fundo, o que é preciso é que a Imprensa regional PARTICIPE — activamente, sonora e interessada, na movimentação geral.

UM «CAGAREUS VULGARIS» (com profissão, no entanto)

Dos jornais que se publicam em Aveiro, endereço a minha preferência ao LITORAL; embora *ambos de dois* — como se diz na beira-mar — sofram da chamada limitação geral e, depois, das dificuldades próprias que a Imprensa regional sempre encontra (quanto a uma colaboração restrita e à receptividade dum público-leitor caracterizado), logrou tornar-se um lugar geométrico de interesses.

O «Correio do Vouga», esse tem necessàriamente índole própria, embora ofereça trabalhos meritórios de sentido comum; por exemplo, leio com solicitação as suas *Letras Rústicas* — e embora discorde geralmente dos pontos de vista aí expressos, considero-as colaboração pertinente ao nível local.

Em contrapartida, já não leio no LITORAL certas croniquetas que carecem de forma e conteúdo e muitos dos seus artigos «cultos». Compreenda-se: escrever num jornal implica obrigações para com os leitores. E não é jornalismo mandar pôr em letra de forma qualquer tema do quotidiano sem cuidar ao menos de o apaladar com um dizer sugestivo; também não é colaboração publicável qualquer polémica de comadres, sobre temas que a poucos interessem, como sejam os de percentagens sacadas a artistas que vendam o que produzem, teatros ou exibicionismos de bolso, frustrações de rãs em água salgada, etc; não considero tão-pouco jornalismo certa colaboração pretensiosa, arremedando à bitola alta mas cheirando a plágio ou simples *pastiche* (escrever com erudição digerida e assimilada fica em Aveiro confinado a Sacramento e poucos mais); não é jornalismo, finalmente, asnear em considerações, cuidadas mas falhas de recheio, que visem sobretudo lisonjear quaisquer valores particulares.

Não lhe digo mais nada. Só que ambos os semanários têm aspecto gráfico muito agradável e merecem boa nota geral, que situaria na cotação de *bom*, quando apresentassem com periodicidade (de malha mais fina ou mais larga, embora) um suplemento juvenil — cujo interesse é óbvio.

UM ESTUDANTE DE DIREITO

Uma Imprensa regional não deve existir em função de uma tendência *exclusivamente* ideológica ou religiosa. Ela tem de atender a um carácter essencialmente pedagógico, tanto no aspecto cultural como cívico. Assim como uma espécie de *iniciação*. E isto porque não acredito, que no momento actual, exista um grupo suficiente de indivíduos que possam garantir semanalmente uma perspectiva larga dos fenómenos múltiplos que constituem a sociedade. Ou ainda, porque não acredito que exista um público a um nível regional com possibilidades de se enquadrar em leituras de âmbito mais complexo. Por estes dois motivos, consequência de estruturas deficientes, querer ir além dessa acção pedagógica é, a meu ver, iludir a realidade.

No contexto aveirense dois jornais há que «puxam a brasa à sua sardinha». Quero dizer: existem com a única finalidade de defender teses ideológicas e religiosas mais ou menos aceites «a priori». Tomando tal posição não concedem, pois, a mínima possibilidade de abertura, abertura essa que lhes permitiria a isenção crítica inerente a qualquer acção pedagógica. São órgãos de vista curta, que podem interessar uma minoria.

Concluindo (e quase como mandamento): a Imprensa regional em Aveiro só será válida quando tiver em conta o contexto social em que se insere, quando souber vencer os circunstancialismos ideológicos e religiosos, quando humildemente exercer uma acção propedêutica.

UM EMPREGADO FABRIL

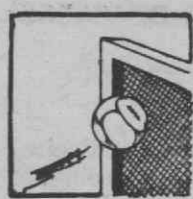
De uma maneira geral, os jornais da terra preocupam-se muito mais com a apresentação gráfica (digamos que um tanto folclórica e, às vezes, de difícil decifração, especialmente no «Correio do Vouga» e «Lutador») que com os textos que deveriam servir de pasto à voracidade dos seus poucos ou muitos leitores.

Não faz sentido, por outro lado, que o noticiário não ofereça um mínimo de novidade para quem está habituado a ler a Imprensa diária. E, no entanto, talvez não fosse de todo difícil arranjar uma ou outra notícia em primeira mão para cada número semanal. É o que faz (ainda hoje, suponho eu) o semanário «Mar Alto» da Figueira da Foz, cujo corpo e espírito me parecem bem próprios dum jornal moderno. Não seria possível limitarem-se os jornais aveirenses ao arquivo dos títulos da semana, à semelhança do que faz por exemplo «Vida Mundial» e tantas outras publicações? Insistir na publicação de «notícias copiadas» é que me parece um erro que não aproveita a ninguém. E rouba espaço a assuntos de maior interesse, se bem que, algumas vezes, seja evidente a falta de colaboração para encher o jornal, pois recorre-se, não muito raramente, a escritos que melhor seria ficarem no tinteiro. Talvez por isso se dê relevo demasiado às secções desportivas. Relevo e espaço que, noutros semanários, são aproveitados para «fazer luz» sobre tantos aspectos humanos de bem mais digna acção divulgativa, cultural e até pedagógica.

O recurso ao ataque malcriado, despido das mais elementares regras de civilidade (até porque a coberto dum anonimato ou de sinistras projecções), não deveria ser coisa possível entre nós. Mas faz-se... Não é este o caso do LITORAL, claro.

Um outro aspecto digno de atenção é a falta de reportagens na Imprensa local, mais de salientar ainda numa região onde os motivos se topam aos pontapés. Que diabo! o jornal não é só para trabalhos de gabinete. Há mais mundos lá fora... e que mundos!...

Finalmente, uma outra coisa eu tenho notado. E é no LITORAL... Sempre que os jovens de sangue na gueira entram de escrever umas coisas, logo os veteranos se encolhem na sua concha e hibernam não se sabe até quando. Porquê?! Você, que é todo da casa (!), saberá dizer-me?...

PINTO DA COSTA

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

SOFREU forte desmentido, no domingo, a decantada vantagem normalmente atribuída às turmas visitadas: na Zona Norte do «Nacional» da II Divisão, a terceira jornada concluiu-se com um paralelismo curioso — uma igualdade, três triunfos para os visitantes e três vitórias para os grupos anfitriões...

Desde logo, portanto, as melhores honras ficaram a pertencer ao Académico de Viseu, Famalicão e Penafiel, os três forasteiros triunfadores, que tornearam da melhor forma as suas difíceis deslocações à Covilhã, a Espinho e a Vale de Cambra.

Notável, também, o empate que o Salgueiros conseguiu extra-muros, sobretudo porque foi obtido no recinto do Tirsense. Boa proeza, saliente-se, a dos salgueiristas.

Gouveia e Boavista — únicas equipas que ainda não perderam e partilham, igualadas, o comando — impuseram-se aos grupos ribatejanos: o Torres Novas, batido à tangente na vila serrana, sofreu a primeira derrota, pelo que baixou na tabela; e o Tramagal, com uma defesa permeável em demasia, não resistiu aos boavisteiros, cujo ataque é o mais realizador, nesta altura da prova.

Temos por último, o jogo Leça — Beira-Mar, ganho pelos leceiros. Ao intervalo, os beiramarenses venciam por 1-0 (e a sua vantagem podia ser mais dilatada, quiçá mesmo decisiva para a sorte do desafio). Em seguida, porém, os locais animaram, com a igualdade conseguida no reatamento, e vieram a vencer...

A jornada foi, como se vê, bastante aziaga para os representantes da Associação de Futebol de Aveiro, todos derrotados no pretérito domingo, dois deles nos seus próprios campos (Espinho e Valecambrense). Oxalá, de futuro, as equipas aveirenses tenham sorte diversa.

Será ainda de referir o facto do Sporting da Covilhã, uma equipa tradicionalmente apontada no lote dos favoritos, ter somado terceira derrota a fio, com a agravante de duas delas — e em domingos consecutivos! — se registarem no seu campo Carreira decepcionante, a dos «leões» da serra.

REGISTO

Resultados da 3.ª jornada:

COVILHÃ — A. DE VISEU . 1-3
ESPINHO — FAMALICÃO . . 3-4
LEÇA — BEIRA-MAR 2-1
TIRSENSE — SALGUEIROS . 2-2
VALECAMBREN. — PENAFIEL 0-2
GOUVEIA — TORRES NOVAS 1-0
BOAVISTA — TRAMAGAL . . 4-1

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Gouveia	3	2	1	0	2-0	5
Boavista	3	2	1	0	7-3	5
A. de Viseu	3	2	0	1	5-3	4
Famalicão	3	2	0	1	6-4	4
Leça	3	2	0	1	4-4	4
Penafiel	3	1	1	1	2-1	3
Salgueiros	3	1	1	1	5-3	3
T. Novas	3	1	1	1	4-4	3
Tirsense	3	1	1	1	3-4	3
BEIRA-MAR	3	1	0	2	4-5	2
Espinho	3	1	0	2	4-5	2
Valecambr.	3	1	0	2	3-6	2
Tramagal	3	1	0	2	4-7	2
Covilhã	3	0	0	3	2-6	0

Jogos para amanhã:

A. DE VISEU — BOAVISTA
FAMALICÃO — COVLHÃ
BEIRA-MAR — ESPINHO
SALGUEIROS — LEÇA
PENAFIEL — TIRSENSE
T. NOVAS — VALECAMBRENSE
TRAMAGAL — GOUVEIA

LEÇA, 2 — BEIRA-MAR, 1

RELATO E COMENTÁRIOS DE CARLOS LEITÃO

Jogo no Campo de Leça da Palmeira, sob a arbitragem do sr. António Garrido de Leiria.

Constituição das Equipas:

LEÇA — José Henriques; Gentil, Rocha, Serrão II e Pinto de Carvalho; Júlio e Martinho; Vaz, Sousa, Ramos e Santos.

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Marçal, Joca e Chaves; Abdul, Colorado e Almeida; Amaral, Cleo e Eduardo (Sousa, quase no final).

Golos: aos 33 m. da primeira parte por *Eduardo*, do Beira-Mar; e aos 46 e 66 m., na segunda parte, por *Ramos* e *Sousa*, do Leça.

Os jogadores do Leça, de entrada, mostraram um certo receio da equipa do Beira-Mar, não só porque a consideravam perigosa, como também porque a tradição, de alguns anos — em que o Beira-Mar sempre logrou algum lucro naquele campo — lhes criou como que um complexo supersticioso. Estamos a lembrar-nos do jogo do ano passado, a contar para o Campeonato da II Divisão, que, para o Leça era de vida ou de morte e que o Beira-Mar conseguiu vencer, sem o merecer, pois jogou bastante mal.

Dessa vez, a Sorte acompanhou os de Aveiro, o que não sucedeu no jogo de domingo, em que lhe virou as costas. Isto não quer dizer que os beiramarenses, desta feita, merecessem a vitória ou mesmo o empate. Mas quando a Sorte quer...

Se não, reparemos: Se a Sorte quisesse, o brasileiro Cleo teria metido golo, num remate digno d'Ela, aí por volta dos 25 minutos da primeira parte, quando José Henriques, caído no solo, parecendo batido, defendeu com o pé.

Outrotanto poderia ter acontecido a Almeida, a quando de um golo, que realmente entrou, mas que não contou, porque o árbitro havia apitado por fora de jogo a Eduardo o qual, acompanhando a jogada, ficou atrás de um defesa, quando este se adiantou, no intuito de desarmar Almeida.

E por aqui se quedou a falta de Sorte do Beira-Mar.

E, noutros lances, teve Sorte; já não falando no golo conseguido por Eduardo, aos trinta e três minutos, fruto de um estupendo remate, bem dirigido e com intenção, mas que «calhou» bem.

Não falamos nisso, até por que o Beira-Mar, durante a primeira parte, fez por merecer que a Sorte lhe sorrisse.

Falamos sim, de várias ocasiões, já na segunda metade, em que a defesa andou positivamente à deriva, fazendo cantos sobre cantos, numa manifestação de impotência lastimosa.

Custa a acreditar como é possível que uma equipa como a do Beira-Mar, recheada de jogadores experimentados e já bastante calejados, alguns dos quais já ombrearam com os homens da I Divisão, se deixassem «engarrafar» de tal maneira, sobretudo nos primeiros 25 minutos da etapa final.

O Leça, como já dissemos, temia o Beira-Mar. Os seus jogadores andaram toda a primeira parte com *o ai Jesus, na boca*, como se costuma dizer, pois viram os seus adversários com disposição de jogar.

Já na segunda parte, isso não aconteceu, pois verificaram que os rapazes de Aveiro regressaram do balneário decididos ùnicamente a defenderem o escasso resultado conseguido, um tanto afortunadamente, mas com merecimento, vamos lá.

Surgiu o primeiro golo, logo no recomeço, é certo, mas nem por isso os beiramarenses reagiram, como se lhes impunha.

Assim, pouco a pouco, os leceiros foram-se afoitando, tomando quase que por completo o comando do jogo até conseguirem o segundo golo, este, como já havia acontecido com o anterior, oferecido pela defesa de Aveiro.

Só então o Beira-Mar como que acordou, tentando fazer, no último quarto de hora, o que poderia e deveria ter feito, quando estava a ganhar, ou mesmo quando empatado.

Foi a vez do Leça ter de se defender, fazendo-o, contudo, com muito mais cabeça do que o havia feito o adversário. Antecipação e alívios com pontapés longos, quase sempre dirigidos ao seu número 9, Ramos, o qual não se fazia rogado para criar, ainda, alguns lances de certo perigo para os aveirenses.

É curioso notar que, mesmo nesse período em que o Leça se defendeu, reforçando a sua defesa com prejuízo do número de atacantes, que, pràticamente, passaram a ser os dois pontas-de-lança, esses dois jogadores lançaram, por mais de uma vez, o pânico nos quatro defesas em linha do Beira-Mar...

Numa rápida apreciação ao labor dos jogadores das duas equipas, salientemos que os do Leça tiveram gana e vontade, jogando com o coração, como soe dizer-se.

O guarda-redes José Henriques, que teve muito pouco que fazer, se foi afortunado no lance em que defendeu por instinto o remate de Cleo, teve pouca sorte ao deixar entrar o golo de Eduardo, pois se encontrava um tanto adiantado, esperando um centro e não um remate. Gostámos de Ramos e Sousa, dois avançados sempre na brecha.

Quanto aos jogadores do Beira-Mar, talvez mereçam citação de menos maus, Colorado, Marçal, Cleo e Eduardo, os avançados pelo que fizeram na primeira parte.

Almeida, um moiro de trabalho, esteve muito infeliz, dando ideia de se não adaptar ao lugar onde o fazem jogar.

O árbitro, ainda que caseirão, não teve, contudo, influência no resultado.

BASQUETEBOL

CAMPEONATOS DISTRITAIS DA A. B. DE AVEIRO

Vão disputar-se, já em Outubro, os Campeonatos Distritais da Associação de Basquetebol de Aveiro. Em quatro provas, teremos em movimento vinte e uma equipas, representando sete clubes: Esgueira, Galitos, Illiabum e Sanjoanense concorrem a todas as competições (seniores, feminina, juniores e juvenis); o Sangalhos só faltará na prova de senhoras; o Beira-Mar estará presente em juniores e juvenis; e o Amoníaco apenas concorre em juvenis.

Na pretérita quarta-feira, como se anunciou, efectuou-se o sorteio relativo a estes torneios, ficando elaborado, na primeira volta, o seguinte calendário geral:

SENIORES

19 de Outubro

GALITOS — ESGUEIRA
ILLIABUM — SANJOANENSE

26 de Outubro

ESGUEIRA — ILLIABUM
SANJOANENSE — SANGALHOS

2 de Novembro

SANGALHOS — ESGUEIRA
ILLIABUM — GALITOS

9 de Novembro

ESGUEIRA — SANJOANENSE
GALITOS — SANGALHOS

16 de Novembro

SANJOANENSE — GALITOS
SANGALHOS — ILLIABUM

FEMININO

10 de Novembro

ESGUEIRA — SANJOANENSE
GALITOS — ILLIABUM

17 de Novembro

SANJOANENSE — GALITOS
ILLIABUM — ESGUEIRA

24 de Novembro

IILIABUM — SANJOANENSE
GALITOS — ESGUEIRA

JUNIORES e JUVENIS

6 de Outubro

AMONIACO — GALITOS
ESGUEIRA — SANGALHOS
BEIRA-MAR — ILLIABUM

13 de Outubro

GALITOS — SANGALHOS
ESGUEIRA — BEIRA-MAR
IILIABUM — SANJOANENSE

20 de Outubro

BEIRA-MAR — GALITOS
SANGALHOS — AMONIACO
SANJONENSE — ESGUEIRA

27 de Outubro

GALITOS — SANJOANENSE
AMONIACO — BEIRA-MAR
ESGUEIRA — ILLIABUM

1 de Novembro

ILLIABUM — GALITOS
SANJOANENSE — AMONIACO
BEIRA-MAR — SANGALHOS

3 de Novembro

GALITOS — ESGUEIRA
AMONIACO — ILLIABUM
SANGALHOS — SANJOANENSE

10 de Novembro

ESGUEIRA — AMONIACO
ILLIABUM — SANGALHOS
SANJOANENSE — BEIRA-MAR

NOTA — Como o Amoníaco não participa na prova de juniores, o adversário que lhe competiria defrontar ficará de folga; aliás, no mesmo torneio haverá sempre uma outra equipa de folga (excepto da segunda jornada) — dado que ficou resolvido o agrupamento de jogos das duas categorias, por motivos de ordem económica, e ser impar o número de concorrentes.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Na ronda inaugural do III Torneio da Bairrada, em futebol, disputaram-se, na Mealhada, dois desafios que concluiram deste modo:

MEALHADA — OLIV. DO BAIRRO 0-4
ANADIA — RECREIO 1-1

Amanhã, o OLIVEIRA DO BAIRRO disputa a final contra o ANADIA (que venceu, por 5-2, no desempate por marcação de penalties); antes, para atribuição do terceiro e quarto lugares, defrontam-se RECREIO e MEALHADA.

Nadadores do Beira-Mar estiveram presentes em Coimbra, no último domingo, na Primeira Competição Nacional Infantil de Natação — prova a que concorreram também representantes do Ginásio Figueirense, Fluvial, F. C. do Porto, Benfica, Algés e Dàfundo, Cimentos Tejo e Académica.

Com organização técnica da Associação Portuense de Atletismo, disputou-se, no domingo, o anunciado I Grande Prémio de Ovar — prova pedestre promovida pelo Grupo Atlético Vareiro.

Aurélio Fernandes (Santa Clara, de Coimbra) foi o vencedor, entre atletas filiados; Manuel Figueiredo (Vodratex) ganhou a corrida de populares; Lucinda de Jesus (Sporting de Espinho) triunfou na prova de senhoras; por equipas, o F. C. do Porto alcançou o primeiro lugar.

Principiou a disputar-se o I Torneio de Preparação de Futebol da Delegação de Aveiro da F. N. A. T. registando-se estes resultados:

C. P. LAMAS — MOLAFLEX . . 1-2
EST. S. JACINTO — OLIVA . . 1-3
PAULA DIAS — MOGOFORES . 3-0
VILARINHO — C. P. LUSO . . 3-0

Hoje e amanhã, haverá os seguintes desafios:

MOLAFLEX — EST. S. JACINTO
OLIVA — CORFI
MOGOFORES — VILARINHO
C. P. LUSO — PAULA DIAS

O Prof. António Dias Lemos é o novo treinador das equipas de futebol do Oliveira do Bairro.

Na Delegação de Aveiro da F. N. A. T. encontram-se abertas inscrições para o Campeonato Distrital de Basquetebol (até 15 de Outubro), para Torneio de Tiro do Outono (até 16 de Outubro) e para o Campeonato Distrital de Ténis de Mesa, prova individual (até 18 de Outubro).

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 5 DO «TOTOBOLA»

6 de Outubro de 1968

N.º	CLUBES	1	x	2
1	Braga — Setúbal			2
2	Belenenses — Sanjoan.		x	
3	C. U. F. — Sporting			2
4	U. Tomar — Guimarães			2
5	A. Viseu — Famalicão	1		
6	Covilhã — Beira-Mar			2
7	Espinho — Salgueiros			2
8	Tirsense — T. Novas	1		
9	Valecamb. — Tramagal	1		
10	Alhandra — Barreirense		x	
11	Portimonense — Lusita.	1		
12	Luso — Torriense		x	
13	Leões — Sesimbra	1		

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	ALA
4.ª feira	M. CALADO
5.ª feira	AVENIDA
6.ª feira	SAÚDE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

- Foi aprovado um estudo urbanístico do sector das Alagoas, freguesia de Esgueira, no gaveto sudeste da E. N. 230 e o C. M. 1 509, com vista ao aproveitamento do terreno, para construções unifamiliares.
- Foram apreciados 17 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 13 deferimentos, 2 indeferimentos e 2 informações.
- O sr. Presidente da Câmara deslocou-se a Lisboa, no dia 19 de Setembro, a fim de mais uma vez, tratar de assuntos de interesse municipal, perante a Junta Autónoma de Estradas e a Direcção Geral de Urbanização e com o Professor Engenheiro Edgar Cardoso (técnico encarregado, pela Câmara, da elaboração dos projectos das pontes sobre o Canal Central, da Ponte de Pau e da passagem superior ou inferior ao caminho de ferro, tendo em vista a supressão da passagem de nível de Esgueira).

O sr. Dr. Alves Moreira esteve ainda, no mesmo dia, na Casa de Saúde da Cruz Vermelha, a inteirar-se do estado de saúde do sr. Presidente do Conselho e a assinar o livro de cumprimentos com desejos de melhoras para o ilustre enfermo.

DR. HUMBERTO LEITÃO

Atendendo a numerosas e repetidas solicitações, o nosso distinto colaborador Dr. Humberto Leitão reabre hoje, neste jornal, a sua «Arca de Antiguidades», que aferrolhara há tempos, no convencimento de que a evocação de velhos temas locais pouco ou nada interessaria ao público.

O empenho demonstrado por um considerável sector de leitores demonstra o erro em que o ilustre aveirense se obstinara. Terão estes que agradecer-lhe o sacrifício de coordenar temas, olvidados em papéis amarelecidos, e dá-los à estampa — com inevitável prejuízo dos seus raríssimos lazeres.

BISPO DE AVEIRO

Esteve em Lisboa, para presidir ao «Encontro de Professores dos Seminários Maiores», realizado de 23 a 27 do corrente, no Colégio Universitário Pio XII, o venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

COMANDANTE DO R.I. 10

Findas as suas férias, reassumiu o comando do Regimento de Infantaria n.º 10 o sr. Coronel Armando Maçanita, que, durante a sua ausência, esteve substituído pelo 2.º Comandante, sr. Tenente-Coronel Júlio Batel.

BANCO ULTRAMARINO: MEIO SÉCULO EM AVEIRO

Assinalando o cinquentenário da inauguração da filial de Aveiro do Banco Nacional Ultramarino, os seus actuais funcionários mandaram celebrar missa de sufrágio por alma dos antigos funcionários falecidos, na segunda-feira, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

Recordando a efeméride, a fachada daquela importante casa bancária tem estado iluminada, desde a noite de 23 do mês em curso, data em que justamente se completou meio século de vida do Banco Nacional Ultramarino nesta cidade.

JURAMENTO DE BANDEIRA DE 1 600 SOLDADOS

Na quinta-feira, com início às 9.30 horas, realizou-se, no Estádio de Mário Duarte, a cerimónia do *Juramento de Bandeira* de 1 600 novos soldados do Regimento de Infantaria 10, que completaram agora o seu primeiro período de aprendizagem no Centro de Instrução Básica que funciona nesta unidade aveirense.

Presidiu o Comandante do R. I. 10, sr. Coronel Armando Maçanita, tendo assistido as diversas entidades oficiais citadinas e muitos milhares de pessoas das famílias dos recrutas.

Os efectivos do Regimento formaram, sob comando do sr. Major Mesquita Guimarães, sendo em seguida celebrada missa campal pelo Capelão de Infantaria 10, Rev.º Padre Miguel Duarte, que proferiu uma expressiva homilia, no momento próprio.

Realizou-se, depois, a apresentação da Bandeira Nacional e o sr. Capitão Jaime Valentim leu os deveres militares. O sr. Capitão Belchior proferiu uma alocução patriótica, precedendo o juramento, cuja fórmula foi lida pelo 2.º Comandante do R. I. 10, Tenente-Coronel Júlio Batel, e repetida — em impressionante e uníssono coro — pelos novos soldados.

A encerrar, houve um desfile. E, de tarde, realizou-se um interessante espectáculo de variedades, organizado por um grupo de militares.

CONGRESSISTAS CERÂMICOS ESTRANGEIROS EM AVEIRO

No âmbito do XI Congresso Internacional de Cerâmica, cujas sessões de trabalho se efectuaram em Madrid, encontram-se agora no nosso País, para visitar os principais centros cerâmicos portugueses, de projecção além-fronteiras, numerosos congressistas, de vinte e duas nações.

Os aludidos congressistas estiveram na região de Aveiro, anteontem e ontem, visitando a Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos, nesta cidade, e a Fábrica de Porcelanas da Vista-Alegre, em Ílhavo.

«I SEMANA WOOLMARK» EM AVEIRO

O Comércio da cidade, colaborando com a simpática iniciativa do Secretariado Internacional da Lã e da firma «Martins & Soares, L.da» — PIMARLAN, participa activamente na *«I SEMANA WOOLMARK» EM AVEIRO*, expondo nas suas montras, decoradas especialmente, artigos de pura lã virgem controlados pela *Woolmark*.

Tal colaboração integra-se num vasto plano de divulgação levado a cabo pelo Secretariado Internacional da Lã, em defesa da lã.

A *Semana Woolmark* culmina, no próximo dia 4 de Outubro, com um espectáculo, no Cine-Teatro Avenida, no qual colaboram nomes famosos do music-hall português, e durante o qual será apresentada uma nova síntese da moda nacional a par de algumas criações *PIMARLAN* — uma fábrica de *Pronto a Vestir* desta cidade, que está autorizada a marcar as suas confecções com a *Woolmark* por o seu fabrico estar apto a satisfazer as especificações do Secretariado Internacional da Lã.

Também no próximo dia 4, será inaugurado um *Salão de Exposições da* PIMARLAN, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 332, onde serão exibidos artigos de seu fabrico, grande parte dos quais são controlados pela *Woolmark*.

A *Woolmark* é um símbolo internacional que identifica os produtos fabricados com pura lã virgem, segundo normas iguais em todo o Mundo, e cujo controle é assegurado pelo Secretariado Internacional da Lã em trinta países dos cinco continentes.

700 ALUNOS INSCRITOS NO CICLO PREPARATÓRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Inscreveram-se cerca de 700 alunos do primeiro ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. As aulas efectuam-se nos dois edifícios do Liceu Nacional de Aveiro, ficando os rapazes na sede e as raparigas na Secção Feminina.

LICEU NACIONAL DE AVEIRO

No próximo dia 1 de Outubro, pelas 15 horas, com entrada livre, realiza-se no Ginásio do Liceu uma sessão solene a marcar o início do novo ano lectivo para os alunos do ensino liceal.

OBJECTOS ACHADOS NAS PRAIAS

Na Capitania do Porto de Aveiro, encontram-se vários objectos encontrados nas praias do litoral aveirense compreendidas na zona da sua jurisdição e que serão entregues a quem fizer prova da sua propriedade.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

— Morte de um ciclomotorista

O sr. Décio de Oliveira, de 42 anos, casado, residente nas Quintãs (Oliveirinha), quando seguia de motorizada para a Quinta do Gato, deu uma queda, ficando inanimado.

Conduzido ao Hospital de Santa Joana Princesa, veio a falecer pouco depois de ali dar entrada, por ter sofrido fractura do crânio.

O desafortunado ciclomotorista ainda trazia consigo cerca de dezena e meia de milhares de francos, que conseguira amealhar durante o tempo em que esteve emigrado em França.

— Chocaram dois automóveis

Em Verdemilho, pelas 16 horas do penúltimo domingo, ocorreu um choque de dois automóveis, que ficaram muito danificados, mas, felizmente, os respectivos ocupantes nada sofreram de grave.

Num dos carros, seguiam o sr. João da Silva Ribeiro, de 33 anos, sua esposa, D. Cremilda Dinis Maio, de 27 anos, dois filhos do casal e um empregado, Artur Andrade Magalhães, de 13 anos — todos residentes na Moita (Oliveirinha); o outro automóvel, de matrícula francesa, era conduzido pelo sr. Luís Artur Martins de Carvalho, de 22 anos, mecânico, residente em Aradas.

Apenas ficaram com ligeiros ferimentos a sr.ª D. Cremilda Dinis Maio e o Artur Magalhães.

— Atropelamento em Cacia

Foi hospitalizado — com traumatismo craniano e outros ferimentos — o cerâmico sr. José Augusto da Silva Rodrigues, de 16 anos, que, em Cacia, ficara atropelado por um automóvel, na penúltima segunda-feira.

A polícia de Viação e Trânsito tomou conta da ocorrência.

ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

acrescentar-se com a construção de casas no terreno municipal da marinha Rossia.»

Perante este documento, a Câmara,

«— considerando que é real a falta de casas na cidade, e que o bairro dos pescadores, especialmente, é hoje insuficiente para aquela classe;
— considerando que o terreno da marinha Rossia, pela proximidade daquele bairro é o mais adequado para a edificação de casas e alargamento do mesmo bairro;
— considerando que oferece aquele terreno as condições mais vantajosas para o fim proposto, nem a Câmara tem outro de que possa convenientemente dispor;
— considerando que fora já este um dos principais fins que o Município teve em vista quando comprou aquele terreno;
— considerando que da abertura de ruas e construções de casas resulta o aumento da cidade, e maior rendimento para o Município;
— acordou que se mande, sem demora, proceder ao estudo do terreno da marinha Rossia, e ao traçado das ruas que ela comportar, sem prejuízo do uso público e aformoseamento da cidade, e que a parte destinada para edificações se dê de aforamento em hasta pública, em glebas iguais.»

Estrada Aveiro - Ílhavo

Em Março de 1864, a Câmara pediu ao Governo a inclusão, no mapa das estradas a construir naquele ano, da construção da estrada Aveiro — Ílhavo, dada a grande conveniência que nisso havia.

Empregada de Escritório Oferece-se

Com o curso da Escola Técnica, procura lugar compatível.

Respostas a esta Redacção, ao n.º 68.

CINEMA — NOTÍCIAS

Vai começar a nova época e vai abrir com chave de oiro no Avenida. Na próxima 5.ª-feira, 3 de Outubro, será oferecida ao público uma produção de realce: *«O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA» (The Mercenaries)*. Uma extraordinária actuação de ROD TAYLOR.

Sábado 5, à tarde e à noite, veremos *«A TÚNICA»*, com RICHARD BURTON, JEAN SIMMONS e VITOR MATURE.

Domingo seguinte o sensacionalíssimo filme de CLAUDE LELOUCHE, *VIVER PARA VIVER*, com YVES MONTAND, CANDICE BERGEN e ANNIE GIRARDOT.

Com 11 semanas de exibição na estreia em Lisboa, *VIVER PARA VIVER*, do realizador de «UM HOMEM E UMA MULHER», foi galardoado com o *Grande Prémio do Cinema Francês*, o Globo de *Oiro da Associação da Imprensa de Hollywood* e é candidato ao *Oscar* da Academia.

MOVIMENTO HOSPITALAR

No mês de Agosto, o Hospital de Santa Joana Princesa registou o seguinte movimento:

Internamentos — Doentes existentes em 31 de Julho: 146. Doentes entrados: 242. Doentes saídos: 241. Doentes existentes em 31 de Agosto: 147.

Intervenções Cirúrgicas — De grande cirurgia: 85. De pequena cirurgia: 20.

Serviço de Urgência — Consultas no banco: 389. Tratamentos: 687. Injecções: 477.

Banco de Sangue — Transfusões de sangue: 49. Transfusões de plasma: 5.

Serviço de Raios X — Radiografias efectuadas: 285. Sessões de fisioterapia: 223.

Análises Clínicas—Diversas análises efectuadas: 1141.

Consulta Externa — Consultas: 520. Tratamentos: 221. Injecções: 394.

GARRAIADA EM VERDEMILHO

Decorreu com muita animação e interesse, apesar da chuva que caíra antes, a garraiada que se realizou em Verdemilho, na tarde do penúltimo domingo.

A receita do espectáculo taurino reverteu em favor das obras da capela do lugar. Na próxima temporada, haverá novos certames tauromáquicos no redondel de Verdemilho, que irá ser melhorado, por iniciativa dos srs. José Carlos Madail e Manuel Augusto do Bem Paixão, organizadores da garraiada do passado dia 15 e grandes aficionados da «festa brava».

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela segunda Secção do primeiro Juízo da comarca de Aveiro, e nos autos de Execução de Sentença que o exequente Maurício Inácio dos Santos, casado, comerciante, morador em Valado dos Frades, da comarca de Alcobaça, move contra os executados João Gonçalves Magalhães e mulher, Rosa Gilsans de Magalhães, moradores em Esgueira, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 25 de Junho de 1968

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XIV — 28-9-68 — N.º 725

FALECERAM:

D. Georgina Zeferino

No penúltimo sábado, dia 14, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Georgina Simões da Silva Zeferino, que contava 66 anos de idade.

A saudosa extinta, pessoa muito conhecida pela sua natural bondade e pelas suas qualidades de trabalho, deixou viúvo o sr. João Zeferino (Recoveiro Zeferino) e era mãe da sr.ª D. Primícia da Silva Zeferino, casada com o sr. Eduardo da Silva, e do sr. Eduardo da Silva Zeferino, casado com a sr.ª D. Júlia Teixeira da Silva.

O funeral, que constituiu sentida manifestação de pesar, realizou-se, no dia 15, da capela de S. Gonçalinho para o Cemitério Sul.

Prof. Manuel Nunes Ramos

Na vizinha vila de Ílhavo, faleceu, no dia 18, com 89 anos de idade, o sr. prof. Manuel Nunes Ramos, que, com grande dedicação e saber, durante muito tempo leccionou em Verdemilho.

O saudoso extinto, mestre respeitado por sucessivas gerações, gozava de grande simpatia e contava inúmeras amizades. Era casado com a sr.ª D. Maria Capela Ramos e pai dos srs. Eng.º Manuel Pio da Maia Ramos, dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Aveiro, e Capitão Elmano Pio da Maia Ramos, oficial da Marinha Mercante.

O funeral, com grande acompanhamento, saiu da sua residência, à Rua do Casal, para a igreja matriz de Ílhavo, onde foi rezada missa de corpo presente, seguindo depois para o cemitério daquela vila.

José da Fonseca

Com 84 anos de idade, faleceu, no último domingo, o sr. José da Fonseca, que residia nesta cidade, já há anos, em companhia de seus filhos que aqui se fixaram.

Natural de Atalaia (Lourinhã), o sr. José da Fonseca foi esforçado e devotado agricultor. Deixou viúva a sr.ª D. Sara da Anunciação Fonseca e era pai dos srs. Fernando, José, João, Mário, Rui, José Pedro e Evaristo Miguel da Fonseca, este antigo e conhecido futebolista do Beira-Mar (os três últimos, residentes em Aveiro); sogro das sr.as D. Maria da Conceição, D. Joaquina, D. Conceição, D. Maria Alice, D. Cecília, D. Nazaré e D. Maria Isabel da Fonseca; e avô de quinze netos.

O funeral, que constituiu profunda manifestação de pesar, realizou-se na segunda-feira, da igreja de Santo António para o Cemitério Sul, após missa de corpo presente.

Às famílias enlutadas, os pêsames do Litoral

JUSTIFICAÇÃO

Cartório Notarial de Ílhavo

Notário: Lic. Manuel Faim Pessoa

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-48, de fls. 98 v. a 100 v., se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, com data de 17 do corrente mês, na qual António Ferrão do Casal, casado segundo o regime da comunhão geral de bens com D. Maria Manuela Ferreira Santana Casal, natural da freguesia e concelho de Ílhavo e nela residente no lugar da Coutada, representado por procurador, se declara, com exclusão de outrem, dono e legítimo possuidor de UMA TERRA de lavoura, sita na Quinta Nova limite da Quinta do Gato, freguesia da Glória, concelho de Aveiro, a confrontar, segundo a matriz, do norte com carreiro, do sul como do poente com regueira e do nascente com Virgílio Padeiro, mas actualmente do norte com José Ferreira Junior, do sul e nascente com capitão José Augusto Machado dos Santos e do poente com regueira, inscrito na respectiva matriz sob o artigo n.º 259, com o valor matricial de 2 240$00, em nome do justificante, e não descrito na Conservatória do Registo Predial de Aveiro.

Mais certifico que o mencionado prédio foi adquirido pelo dito justificante, António Ferrão do Casal, por compra, não titulado, há mais de 40 anos, a António dos Santos, solteiro, maior, nascido e residente na freguesia de Esgueira do aludido concelho de Aveiro, o qual se ausentou para o estrangeiro também há mais de 40 anos.

Está conforme, e declara-se que na escritura nada há em contrário ou que condicione o que aqui se narrou.

Cartório Notarial de Ílhavo, vinte e um de Setembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

EGÍDIO ESTEVES REBELO

Litoral — Ano XIV — 28-9-68 — N.º 725

Julieta dos Espíritos

Continuação da última página

te-compresente mas espaço-tempo em sincronias-diacronia. E, repito, não acho muito feliz o jogo real-irreal-símbolo numa única pessoa; lembrando-me, aliás, desse extraordinário «A queima roupa» onde a dialética passado-presente numa mimética de real-irreal pesadelo e momento vivo nos é dado de uma forma alucinatòriamente verdadeira e autêntica.

O filme é, para lá disto, um filme novo e de certo modo original e belo, com pormenores que nos fazem lembrar uma grande produção de Hollywood mas não fazem, porque Fellini não é um imbecil de um Bronston, e dá-nos imagens de rara lucidez, como a Eva que se contorce junto à árvore ou o velho que carrega o mundo submerso-emerso, e de rara beleza, como o rectângulo de luz, apenas por sobre os olhos de Julieta, antes que esta, da cama, olça o telefonema do marido. Curiosa, também, a frequência com que a pessoa que fala não é a que está a ser focada: pena que não tenha sido usada mais profundamente para analisar a reacção que a linguagem, como forma expressiva-activa, provoca ao cair — ao fazer-se — no real.

Por fim: Julieta dos espíritos é um filme onde a beleza formal não faz, apesar de tudo, relegar o conteúdo para segundo plano, exactamente porque ela existe muito como forma de fazer sobressair o tema. E sobre este já falámos.

Aveiro, 15 de Agosto de 1968

ANÇA REGALA

FAZEM ANOS:

Hoje, 28 — *Os srs. Jorge Sarabando Vinagre, Artur Manuel da Graça e Cunha e Jorge Marques Moreira, e a menina Maria João, filha do sr. Dr. João Gaioso Henriques.*

Amanhã, 29 — *As sr.as D. Angelina de Lourdes dos Santos Monteiro, D. Maria da Natividade Vicente Ferreira, esposa do sr. José da Silva Freire, e D. Maria da Conceição Dias Gamelas, os srs. José Manuel Tavares de Abrantes e Domingos Carvalho Moreira, e a menina Idília Maria, filha do sr. António Borrego.*

Em 30 — *As sr.as Dr.ª D. Maria do Amparo da Silva Carvalho, esposa do sr. Dr. Emídio Artur de Campos Fernandes, e D. Zulmira Miranda Casimiro, esposa do sr. Alberto Casimiro da Silva, os srs. Augusto Vieira Decrock e Alfredo José Bastos Simões, e a menina Maria do Carmo, filha do sr. José Portugal.*

Em 1 de Outubro — *As srs.as D. Maria Odete Praça d'Almeida Cruz, esposa do sr. Mário João Pinto da Cruz, D. Arminda Ferreira Martins, esposa do sr. Luís de Melo Alvim, e prof.ª D. Maria Claudette da Silva, esposa do sr. Gaspar Albino, o sr. Dr. Manuel Simões Julião e o menino Júlio Rocha Guerra, filho do sr. Aurélio Guerra.*

Em 2 — *As sr.as D. Maria José Gamelas, esposa do sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, e D. Camila Adelaide Monteiro Baptista Mexia de Matos, os srs. D. Duarte Francisco de Lemos (Atalaya), Francisco Limas e Sílvio de Sousa Moreira, e as meninas Maria Teresa, filha do 1.º Sargento sr. José de Resende Feio, e Maria Teresa, filha do sr. José da Cruz Pinto.*

Em 3 — *As sr.as D. Laurinda Azevedo, esposa do sr. António Eduardo Horta Azevedo, D. Elizette Aleluia de Oliveira, esposa do sr. Dr. João Lapa de Oliveira, D. Estela Fernanda Vieira, esposa do sr. Manuel Pimenta Vieira, e D. Conceição Abrunhosa Teles Miranda, esposa do sr. Manuel Monteiro Miranda.*

Em 4 — *As sr.as D. Laura Dias de Almeida, esposa do sr. Baptista Moreira, e D. Maria do Rosário Ferreira Martins, esposa do sr. António Lopes dos Santos, o Oficial da Marinha Mercante sr. Manuel Joaquim Pinto e a menina Maria de Fátima, filha do sr. Manuel da Fonseca Marques.*

DE VIAGEM

● *De mais uma das suas frequentes digressões, regressou, há dias, de Espinha, à sua casa de Aveiro, o nosso distinto colaborador sr. Desembargador Mello Freitas.*

● *Esteve em Aveiro, no domingo e segunda-feira últimos, o Rev.º Padre António Brásio, que tanto lustre tem dado a este jornal com os seus escritos.*

DOENTE

Em consequência de súbita hemorragia, teve de ser conduzido ao Hospital o sr. Manuel da Costa Freitas, zeloso e competente guarda do Museu de Aveiro.

Prestados ali os primeiros socorros, pôde já o enfermo regressar a sua casa, onde se encontra em franca convalescença, com o que muito folgamos.

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 28 — às 15.30 e às 21.30 horas

OS DOIS TOUREIROS — um filme com Franco Franchi e Cicio Ingracia.

Para maiores de 17 anos.

Domingo, 29 — às 15.30 e às 21.30 horas

GRINGO NÃO PERDOA — uma película com Montgomery Wood, Sophie Daumier e Jacques Sernas.

Para maiores de 12 anos

Quinta-feira, 3 — às 21.30 horas

O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA — um filme com Rod Taylor, Yvette Mimieux e Kenneth More.

Para maiores de 17 anos.

Cooperativa de Construções Civis Veneza de Portugal, S.C.R.L.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

PÚBLICA FORMA

Certifico que de folhas uma a duas, verso, do livro de actas da Cooperativa de Construções Civis — Veneza de Portugal — S. C. R. L., sem termos de abertura nem de encerramento, se encontra exarada uma acta do teor seguinte:

Acta da Assembleia Geral extraordinária da Cooperativa de Construções Civis — Veneza de Portugal — S. C. R. L.

No dia trinta e um de Agosto de mil novecentos e sessenta e oito na sede do Grémio do Comércio de Aveiro, pelas quinze horas, conforme o ordenado pelo meritíssimo Juiz do segundo Juízo da comarca de Aveiro, no processo especial número 111-68 da 2.ª Secção reuniram os sócios desta sociedade cooperativa em Assembleia Geral extraordinária que havia sido convocada por anúncios publicados no Diário do Governo de 2 de Agosto corrente e no Jornal «O Litoral», de 27 de Julho último e conforme cartas registadas que no mesmo processo se mencionam.

Presidiu, por despacho do meritíssimo Juiz referido, o excelentíssimo senhor doutor João Luís Pereira e Veiga, não se encontrando presente o secretário da Mesa da Assembleia Geral Manuel da Silva Cravo, pelo que o senhor presidente nomeou para o substituir o sócio doutor Ludovino António Fernandes, que aceitou a incumbência. Estava presente o vogal da mesa da Assembleia Geral, Daniel Augusto da Fonseca, que também assumiu a sua função.

Verificou-se a presença dos seguintes sócios reconhecidos unânimemente como tais: — Noémia de Jesus Fonseca, José Pereira da Silva, Branca da Conceição Ribeiro Saraiva, Flora Moreira Fontoura da Cunha Saraiva, Joaquina da Rocha Gonçalves, Carlota Isabel, Maria Ivone da Fonseca Cardoso, António Luís Portugal da Rocha Magalhães, Eduardo Ramiro Lourenço, Emílio António de Seixas Balça, José Cardoso, Rosa Fernandes de Oliveira, Miquelina da Conceição Félix, Bernardino Augusto da Silva Pereira Leite, António Valente da Silva, Júlio Fernando Magalhães, António Ribeiro Saraiva, António Avelino Cardoso de Barros, António Martins Correia, Fernando Pinto Vieira, Francisco Lima da Costa Pinto, Maria Augusta Lima da Costa Pinto, António José Ribeiro Saraiva, António José da Costa Lemos, António Fernando Nunes Correia, Daniel Augusto da Fonseca e Ludovino António Fernandes. O sócio Júlio Fernando Magalhães representava o sócio Armando Osório Pereira Guimarães, como procurador. O sócio António Ribeiro Saraiva representava os filhos menores António Fernando da Cunha Saraiva e Isabel Maria da Cunha Saraiva, e como procurador, Rodrigo Azevedo Rodrigues e António Manuel Cordeiro. O sócio Fernando Pinto Vieira representa com procuração os sócios José Rodrigues Pesqueira e Luís Manuel Ribeiro Saraiva. O sócio António José Ribeiro Saraiva, ou José Ribeiro Saraiva, representa como procurador, Albano Manuel Guerra Balça, e seu filho menor Alexandre Sancho Saraiva. O sócio Dr. Ludovino António Fernandes representa como procurador os sócios P.e António Maria Cardoso e José Joaquim Elias. As procurações referidas ficam arquivadas como complemento desta acta.

Por todos os presentes foi deliberado julgar formal e substancialmente válidas as ditas representações.

Pelo sócio José Pereira da Silva foram apresentados três requerimentos escritos que ficam arquivados como complemento desta acta, depois de rubricados pelo presidente e pelo secretário desta Assembleia, tal como as ditas procurações.

Os três requerimentos foram lidos à Assembleia pelo presidente o qual declarou que não submetia à votação as propostas constantes dos mesmos por estarem fora da ordem do dia.

Seguidamente foi posta à votação a primeira alínea da ordem do dia que é do teor seguinte: «deliberar sobre a demissão do presidente da direcção, do presidente e vogal da Assembleia Geral, respectivamente, José Pereira da Silva, Noémia de Jesus Fonseca e Daniel Augusto da Fonseca», a qual obteve a seguinte votação:

Votaram contra os sócios José Pereira da Silva, Noémia de Jesus Fonseca e Daniel Augusto da Fonseca; votaram a favor da demissão todos os restantes sócios presentes por si e seus representados.

A segunda alínea da ordem do dia: «Deliberar sobre os pedidos de demissão apresentados pelos membros do conselho fiscal e pelos restantes membros da Direcção e Assembleia Geral»; obteve três votos em contrário, o dos referidos Pereira da Silva, Noémia e Daniel, sendo a favor todos os votos restantes.

Nesta altura pelo presidente da mesa foi declarado que em face das votações verificadas teria de passar-se à votação da terceira alínea que é do seguinte teor: «Eleger os novos membros da Direcção, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, mas que lhe parecia conveniente suspender os trabalhos por dez minutos para que pudessem ser organizadas as listas, e tendo obtido o consenso unânime dos sócios, assim o determinou, tendo no entanto os sócios Pereira da Silva e Daniel Augusto da Fonseca declarado que se retiravam em virtude de serem chamados para outros afazeres.

Reiniciados os trabalhos e não se encontrando efectivamente presente o vogal da Mesa, Daniel Fonseca, o presidente nomeou para o substituir o sócio António Ribeiro Saraiva que ocupou o respectivo lugar.

Apresentada uma única lista para os corpos gerentes verificou-se ser constituída da seguinte forma: — *Direcção* — António Ribeiro Saraiva, António José Costa Lemos, Júlio Fernando Magalhães, Emílio António de Seixas Balça e António Martins Correia; *Conselho Fiscal* — António Avelino Cardoso de Barros, António Luís Portugal da Rocha Magalhães e Fernando Pinto Vieira; *Mesa da Assembleia Geral* — Dr. Ludovino António Fernandes, Eduardo Ramiro Lourenço e Francisco Lima da Costa Pinto. Posta à votação foi aprovada por unanimidade, pelo que foram declarados eleitos os referidos sócios.

Não havendo mais assuntos a tratar foi declarada encerrada a presente Assembleia, da qual se lavrou a presente acta que vai ser assinada pelos membros da Mesa nos termos legais e por outros sócios a seu pedido, depois de aprovado.

(aa) — João Luís Pereira e Veiga, Ludovino António Fernandes, António Ribeiro Saraiva, Flora Moreira Fontoura da Cunha Saraiva, Joaquina da Rocha Gonçalves, Miquelina da Conceição Félix, Maria Augusta Lima da Costa Pinto, Branca da Conceição Ribeiro Saraiva, Carlota Isabel, Rosa Fernandes de Oliveira, António A. C. Barros, Francisco Lima da Costa Pinto, Fernando Pinto Vieira, Emílio A. S. Balça, Júlio Fernando de Magalhães, António Valente da Silva, António José Ribeiro Saraiva, Eduardo Ramiro Lourenço, Bernardino Augusto Pereira Leite, António (o resto da assinatura não se lê), José Cardoso, Antóno Mateus (o resto da assinatura não se lê), António Fernando Nunes Correia, António José da Costa Lemos.

É pública forma de teor integral; e vai conforme ao original.

Aveiro, cinco de Setembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Serviços Municipalizados de Aveiro

3.º AVISO

Faz-se público que se encontra aberto concurso de provas práticas, pelo prazo de 15 dias a contar da data da 1.ª publicação do presente aviso, para preenchimento da vaga de CANALIZADOR DE 3.ª CLASSE e das que ocorrerem no prazo de três dias, a que corresponde o salário ilíquido de 48$00 acrescido de 10$60 de subsídio eventual de custo de vida.

Podem concorrer os indivíduos com idade de 21 anos pelo menos, mas não mais de 55 (exceptuados, quanto a este limite, os que já forem serventuários públicos ou administrativos) com a habilitação mínima da 4.ª classe de instrução primária e os demais requisitos mencionados no «Regulamento».

Os requerimentos serão dirigidos ao Presidente do Conselho de Administração destes Serviços, com as indicações que constam do «Regulamento» respectivo.

Aveiro, 24 de Setembro de 1968

O Presidente do Conselho de Administração,

Dr. Artur Alves Moreira

Litoral — Ano XIV — 28-9-68 — N.º 725

Automóvel «SKODA»

Vende-se, em bom estado. Tratar com o Tenente Gonçalo Maria Pereira, na Rua do Comandante Rocha e Cunha, 115 — Telef. 23566, em Aveiro.

Meninas operárias

Aceitam-se, bom salário. Fábrica Impar — Verdemilho.

Vende-se

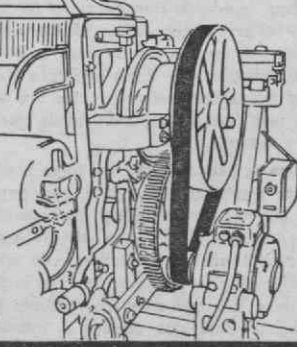
BÁSCULA USADA — 1.050 Kgs.

Marca «AVERY», em óptimo estado de conservação. Resposta a este jornal para o n.º 69.

Automóvel Cortina

— em estado de novo, com vários extras, incluindo telefonia «Ponto Azul», vende-se, por motivo de retirada. Tratar pelo telef. n.º 23730, ou na Rua da Palmeira, ao n.º 22.

Vende-se

Um prédio, sito no lugar de Santiago, que foi pertença de António Martins (João da Branca). Tratar com Maria da Conceição Bastos, Rua Manuel Luís Nogueira, 55 — Aveiro.

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

Av. Dr. Lourenço Peixinho 164 – Aveiro

AVISO

Alargamento do Esquema de Benefícios

Pensões de Sobrevivência — Contribuições

No Diário do Governo, II Série, n.º 215, de 11 de Setembro de 1968, foi publicado o novo Contrato Colectivo de Trabalho para os Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metalomecânicos, homologado por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social de 23 de Julho de 1968.

A cláusula 106.ª daquela convenção preceitua:

É estabelecido o regime de pensão de sobrevivência para todos os profissionais abrangidos por este Contrato, nos termos do Regulamento Especial do Regime de Pensões de Sobrevivência da Caixa Nacional de Pensões, aprovado por despacho de 15 de Abril de 1966. Para o efeito, as entidades patronais e os respectivos trabalhadores contribuirão, respectivamente, com 2 % e 1 % sobre as retribuições pagas e recebidas na parte que não exceda o limite superior vigente» — (Esc.: 10 000$00).

Nesta conformidade, avisam-se todas as empresas contribuintes desta Instituição que exerçam qualquer das actividades previstas na cláusula 1.ª do referido contrato e que tenham ao seu serviço trabalhadores representados por qualquer dos Sindicatos outorgantes do mesmo contrato que, com efeito *a partir de 1 de Setembro de 1968*, devem considerar o pagamento de contribuições para o novo regime.

Assim, deverão as empresas que se encontrem na situação indicada, promover, de *11 a 20 de Outubro de 1968*, o pagamento das contribuições devidas a esta Caixa, observando as seguintes instruções:

a) — As entidades patronais que não tenham todo o pessoal ao serviço abrangido pela modalidade de sobrevivência, deverão elaborar folhas de ordenados ou salários em separado, uma com os trabalhadores abrangidos em sobrevivência (taxa de contribuição de 23,5 %, competindo à entidade patronal a percentagem de 17 % e aos beneficiários a de 6,5 %) e outra com os empregados e assalariados não abrangidos pela mesma modalidade, (taxa de contribuição de 20,5 %, sendo da responsabilidade das entidades patronais a percentagem de 15 % e dos beneficiários a de 5,5 %);

b) — Embora os contribuintes tenham de preencher folhas de ordenados ou salários em separado, deverão, no entanto, identificar ambas elas com o actual número de inscrição que possuem, e poderão efectuar o pagamento das respectivas contribuições utilizando uma única guia de depósito, mencionando na rubrica «adicionais» o montante relativo à contribuição devida à taxa de 23,5 % e na rubrica «contribuições» o montante relativo à contribuição devida à taxa de 20,5 %.

Aveiro, Setembro de 1968

A DIRECÇÃO

Emprego

Com o 2.º Ciclo Liceal e possuindo conhecimentos de dactilografia, deseja emprego compatível.

Assunto urgente.

Respostas ao n.º 70 desta Redacção.

Rua de Ferreira Borges — COIMBRA

Dr. Joaquim Alves Moreira

Médico Especialista
Rins e Vias Urinárias
Cirurgia da Especialidade
Ex-residente de Urologia do Hospital Beth Israel de Boston e do Hospital Bellevue de New York
Consultas todas as 4.as feiras às 10.30 horas
Consultório: Rua de S. Sebastião, 119
Consultas às 17 horas, aos sábados, durante o mês de Setembro
AVEIRO

Fábricas Aleluia

Azulejos
Louças
DECORATIVAS
SANITÁRIAS
DOMÉSTICAS
Cais da Fonte Nova
AVEIRO

Rapaz

— com 14/15 anos.

Falar na Casa do Café, Rua do Gravito — Aveiro.

Martins Soares

Solicitador encartado
Travessa do Governo Civil-4-1.º E.
AVEIRO

Habitação

— aluga-se, em Aveiro, na Rua do Dr. Edmundo Machado, 22.

Tratar com o procurador: F. Ribeiro, Cais do Paraíso, n.º 11 — Telef. 22350, em Aveiro.

Laboratório "João de Aveiro"

Análises Clínicas
DR. DIONISIO VIDAL COELHO
DR. JOSÉ MARIA RAPOSO
Av. do Dr. Louenço Peixinho, 50
Telefone 22706 — AVEIRO

Rui Pinho e Melo

Médico Especialista
Raios X
Consultório:
Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110, 1.º Es.
Telef. 23 609
AVEIRO

EXPERIMENTE O NOVO

NSU TT 1200

(De 0 a 100 km/h. em 13,1 seg.)

Concessionários distritais: A. C. RIA, L.DA — AVEIRO

Dr. Mário Sacramento

MÉDICO ESPECIALISTA
Aparelho Digestivo
Radiodiagnóstico
DOENÇAS ANO-RECTAIS
(HEMORRÓIDAS)
Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 50-1.º
Tel. 22706
AVEIRO

DR. SANTOS PATO

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças das Senhoras – Operações
Consultório
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 28-A-2.º
— às 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 15 às 16 h
Telefones 23 182 - 75 145 - 75 277
AVEIRO

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º
AVEIRO

Ministério das Comunicações

Junta Central de Portos

Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Admissão de Calafates

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro pretende admitir, na situação de assalariados de carácter permanente, calafates para os serviços do seu estaleiro, situado no Forte da Barra.

O salário diário a abonar é de 70$00, incluindo o subsídio eventual de custo de vida.

Os interessados deverão dirigir-se à sede da Junta, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho 110, 2.º, em Aveiro, onde lhes serão dados todos os esclarecimentos, até às 17 horas do dia 8 de Outubro próximo.

Aveiro, 24 de Setembro de 1968

O Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro

CARLOS G. GOMES TEIXEIRA

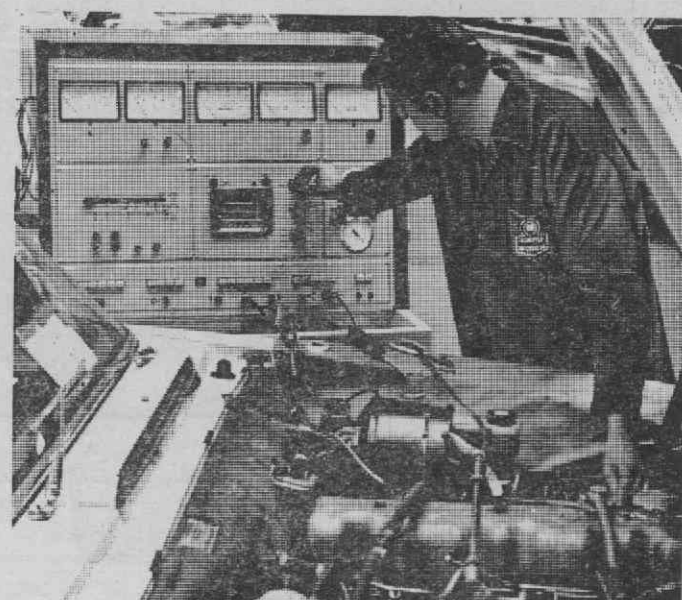
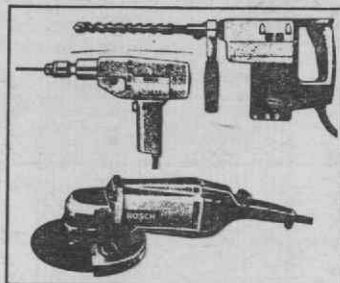
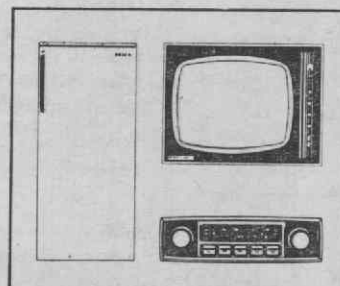
Litoral — Ano XIV — 28-9-68 — N.º 725

Vende-se

Casa, na Rua 16 de Maio, n.º 4 Informa-se na Rua de S. Sebastião, n.º 96, a partir das 18 horas.

Novo serviço BOSCH

AVEIRO

Equipas de técnicos especializados e o mais moderno equipamento

A mais completa assistência eléctrica (ramo automóvel) · Ferramentas
Aparelhagem electrodoméstica
Vendas · Montagens · Testes · Reparações

Concessionário de Robert Bosch (Portugal), Lda.

RUNKEL & ANDRADE

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 157 - 157 B · Telef. 23629 · Aveiro

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 2 de Setembro corrente, deliberou pôr em arrematação o direito à ocupação dos três estabelecimentos comerciais, sitos sob a esplanada, com frentes para a Rua do Clube dos Galitos, *sem base de licitação.*

Os lanços não poderão ser inferiores a 500$00 e as Condições encontram-se patentes na Secretaria, dentro das horas normais de serviço.

A arrematação terá lugar no dia 14 de Outubro próximo, pelas 14 horas e 30 minutos, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Aveiro, 10 de Setembro de 1968

O Presidente da Câmara,

ARTUR ALVES MOREIRA

Litoral — Ano XIV — 28-9-68 — N.º 725

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Faço público que, a Câmara Municipal de Aveiro, em suas reuniões ordinárias de 4 de Dezembro de 1967 e 11 de Junho de 1968, sancionadas pelo Conselho Municipal em sessões de 15 de Fevereiro e de Junho do corrente ano, respectivamente, deliberou, ao abrigo do disposto no n.º 11.º do art.º 50.º do Código Administrativo, proceder às alterações do art.º 3.º e seus §§ 5.º e 7.º, e artº 5.º e seu § único, do «REGULAMENTO DE ABERTURA E ENCERRAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS DO CONCELHO DE AVEIRO», que ficarão com a seguinte redacção:

CAPÍTULO II

Do Encerramento Semanal

Art.º 3.º — Os estabelecimentos comerciais e industriais deste concelho, deverão encerrar durante um dia completo em cada semana, que será ao domingo, e aos sábados, a partir das 13 horas, nos termos do art.º 5.º deste Regulamento.

§ 5.º — Os estabelecimentos que abrirem *ao sábado de tarde e ao domingo,* não podem vender quaisquer artigos que, por sua natureza, façam parte dos ramos de comércio dos que encerram nesses dias.

§ 7.º — São equiparados ao domingo, ou dia de encerramento, nos termos deste Regulamento, os dias: — 1.º de Janeiro (Circuncisão); 12 de Maio (Feriado da Cidade); 10 de Junho (Dia da Raça); Corpo de Deus (variável); 15 de Agosto (Assunção); 1.º de Novembro (Todos os Santos); 8 de Dezembro (Imaculada Conceição); 25 de Dezembro (Natal).

CAPÍTULO III

Disposições Gerais

Art.º 5.º — É instituído no concelho de Aveiro, para o comércio não abrangido por disposições especiais, o regime «Fim de Semana» durante os meses de Janeiro a Dezembro, com encerramento dos estabelecimentos, aos sábados às 13 horas.

§ único — Exceptuam-se desta disposição, além dos estabelecimentos mencionados nos §§ 1.º, 2.º e 6.º do art.º 3.º, as mercearias de venda a retalho e os barbeiros.

Mais faço público que estas alterações foram aprovadas pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, por despacho de 25 de Setembro corrente e entra em vigor no dia 5 de Outubro próximo.

Paços do Concelho de Aveiro, 25 de Setembro de 1968

O Presidente da Câmara,

ARTUR ALVES MOREIRA

POP VERSUS BARROCO

Continuação da primeira página

não esquecer que há outros — e não são tão poucos — que se preocupam com o que se passa à sua volta, que não são meras marionetes, e que tentam expressar e dizer nas suas músicas, estados e situações decorrentes, desmitificando e denunciando — o que talvez não seja muito agradável para certas camadas de juvenis, de preponderância burguesa, que na maioria dos casos se estão nas tintas para a «sociologia e outras patranhas» (sic), e cujos *ideais* maiores ainda são as corridas de automóveis e de trotinete.

Surge evidente que ouvir Bob Dylan ou o Sr. Salvatore Adamo é bem distinto. O que o primeiro nos comunica é diverso do que o segundo nos impinge, com uma vòzinha açucarada. A «Balada de Hollis Brown» nada tem a ver com « La nuit». (Seria até interessante, na primeira, substituir Dakota do Sul por Alentejo).

Por estes dois exemplos breves, é fácil verificar que: a) há cantores que não se demitem de viver o seu tempo e denunciá-lo; b) há cantores que continuam, com as suas lindas cantiguinhas de embalar corações de jovenzinhas (e jovenzinhos), a trair e a trair-se, flutuantes e inconsequentes.

Nos primeiros, uma atitude consciente. Nos segundos, *tacho* e reaccionarismo.

É claro que, à falta de informação, os segundos são os mais consumidos — e grande parte da juventude (e não só da juventude, diga-se de passagem) continua por isso de olhos fechados à realidade *que a cerca*.

Não podemos, com certeza, esquecer-nos dos inovadores formais. Esses (também) merecem os aplausos. Eis Os Beatles, como caso típico. (Sobre estes mordazes, há que dizer que correm mais ou menos ao lado de Salvador Dali: riem-se a bandeiras despregadas, mesmo quando são senhorialmente eleitos Cavaleiros da Honorável Ordem de Qualquer Coisa — salvo erro houve até *vastantes* protestos — por Sua Majestade Sereníssima a Rainha Isabel II de Inglaterra. Talvez eles queiram dizer o mesmo que Félix Borges (o poeta da ondulação, segundo JB): é preciso metermo-nos na burguesia (e na aristocracia) para as explorarmos e modificarmos, ó ideais de revolução!).

HOJE NO CETA

RUA DAS MARINHAS, 16

PELAS 16 HORAS

AUDIÇÃO COMENTADA DE MÚSICA BARROCA DE ANTÓNIO VIVALDI (SÉC. XVII-XVIII)

E POP DOS MOODY BLUES (VIVOS)

A MÚSICA PORTUGUESA

Está muito mal, diz-se. Bem, mal talvez não. Está é horrível. Os *poucos conhecidos* José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire (este último, por acaso, actuou pela primeira vez em Aveiro), com uma música não demitida da nossa realidade, *aproveitando* a poesia portuguesa contemporânea, encontra-se, em termos de divulgação, a quilómetros de distância de Artur Garcia (o príncipe dos trejeitos dúbios), Tony de Matos (o rei da faca e alguidar), António Calvário (que será célebre aos 40 anos, *sic*), Cidália Meireles (patriótica defensora da sardinha assada e das cantigas reumáticas do Parque Mayer), Madalena Iglésias (cavaleiro andante de saias da canção artesanal por terras de Espanha, onde o mau gosto também impera), etc.

Claro que culpamos a Rádio e a TV pela má divulgação. Exceptuando os programas realmente renovadores (PBX, Em Órbita, e um ou outro mais), que há na Rádio sobre música popular de valor?

É por isso que julgamos de todo o interesse fazerem-se audições do género das que pretendemos conseguir.

Parece notar-se uma má intenção comercialista na difusão da música popular. Explora-se um público que *pede* canções vazias, aliciado pelos velhos temas melodramáticos da lágrima ao canto do olho, as velhas rimas...

Temos tido em Aveiro exemplos demasiado concretos, que nem vale a pena referir, demonstrativos da mediocridade das «canções» que proliferam sifiliticamente entre nós, estáticas e ferrugentas.

Isto pressupõe que ninguém está interessado em trabalhar um pouco e trazer até nós valores positivos da canção popular portuguesa. Será?

NA OUTRA MARGEM...

Quando ouvimos Joan Baez («We aren't afraid», «We shall overcome, someday») sentimos um impacto certo, sentimo-nos ali, com ela, em pé sobre uma realidade, interrogadores.

Joan Baez, como se sabe, é folk. A música folk, descendente das baladas medievais irlandesas, tem em si uma mensagem que nada tem a ver com a mensagem e a comunicação românticas. Actua, não tanto pelo sentimento da música em si (há apenas uma viola, uma harmónica, percussão), mas muito mais pela dialéctica que encerra. Em Bob Dylan o caso é expressivo: *conta histórias*, como o Brecht poeta.

OS DOCUMENTARISTAS

Simon and Garfenkul, nas suas últimas produções, empreendem uma espécie de dissecação em torno do sistema de vida americano. Os Moody Blues, em Inglaterra, conseguiram aliar com êxito a música erudita à música popular. (Por curiosidade: a orquestra que os acompanha é a London Festival Orchestra e o regente é um dos Moody). «Days of future past» é uma obra extraordinária que se insere numa espécie de realismo exasperadamente onírico, quase chagalliana.

Os Beach Boys, também nos States: a mecanização e a higienização da música, o virtuosismo, o plano oposto da folk. Os Paganini da pop music.

A NECESSIDADE DE REVELAÇÃO

Temos em vista falar, em termos de divulgação coloquial (nada engravatada, como é natural entre nós...), sobre a música popular do nosso tempo. Para isso tentaremos levar a cabo as audições respectivas, com *discussões* pelo meio, no Círculo de Teatro, paralelisando a música popular actual com a chamada música *séria*. Que, diga-se de passagem, também sofre de lacunas enraizadas — e não só na juventude.

Isto «impõe-se-nos» como necessidade. Veremos os resutados.

Ah, pois: os ingressos são *à gola*. E haverá mais. Na próxima semana a música folk será o tema base.

Júlio Henriques
José - Luís Fino

NOTA: Acabamos de ler uma notícia surpreendente: José Afonso, um aveirense, que atrás dissemos desconhecido do grande público, está no primeiro lugar, por larguíssima diferença de votos, na classificação do concurso de «Rei da Rádio». Apesar de sentirmos um pouco o facto de José Afonso «se meter» em tais concursos, que quase sempre são desoladoramente teatrais, assinalemos com um grito este acontecimento, que vem, assim, dizer-nos que finalmente a canção portuguesa de importância começa a ter aceitação. Ah, sim: e votemos também. Basta comprar (ou cravar) o Diário de Lisboa e recortar o cupão. Mas! Vamos lá votar em José Afonso. É a partir dele, sabêmo-lo com justiça, que a canção portuguesa poderá realmente ser uma verdade. Repare-se no caso do Conjunto 1111: as suas perspectivações são também notáveis, com o aproveitamento da música medieval, abrindo caminhos para uma futura música portuguesa de cunho modernizante, o que, de resto, fizeram os ingleses e os americanos.

J. H. - JL. F.

O Comunicável e o Incomunicável

Continuação da última página

da, supostamente feliz, ilusòriamente certa, caducamente realizada.

Quase transcrição: desde o «bom dia» que desejamos *ao nosso inimigo, até ao «com o protesto da mais elevada estima e consideração» com que terminamos uma carta formal dirigida, muitas vezes, a um cretino, tudo trai um convencionalismo oco imposto pela* formalidade social, *cuja hipocrisia fundamental nos é oculta pela força do hábito.*

Em a GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE, Brick, o anti-herói, grita: a mentira e a hipocrisia são as únicas moedas válidas da nossa sociedade.

Mas, «a morte é um apodrecimento mais fácil que o da vida... A vida é uma putrefacção mais complicada e mais organizada, eis toda a diferença...» E mais lenta também, acrescentamos.

Será isto produto da incomunicabilidade? Da incomunicabilidade lentamente gerada, mas implacável?

Consideremos então uma tentativa: a comunicação do incomunicável.

Isto, aparentemente, não faz sentido. *É, porém, um ponto de partida para um ataque. Um ataque à complacência, ao fácil,* ao terrìvelmente *acessível, num mundo dominado por fórmulas convenientemente repousadas e* classificações bem estudadas.

Mas, o tempo tem-se encarregado de destruir o sentido próprio duma linguagem que tende mesmo a desvalorizar-se como instrumento de verdades absolutas. *Contrapontada* pela acção abstracta, poliforme, injustificada; *que, apesar de tudo, chega para exercer um impacto influente sobre os homens. Eis aqui a possibilidade de tornar comunicável o que é incomunicável. O impossível é, neste caso, susceptível de superar o estágio conceptual do pensamento e transcender-se para um reconhecimento despojado de características comuns,* coerentes, de enredo. *Depois, é aliciante verificar-se a* impossibilidade *de se atingir a certeza. E o incomunicável já se admite como* cativo *de* transformação, *através de fórmulas cujo aparente absurdo é recurso* explicativo *da hermeticidade.*

A coexistência de implicações demonstradas por alternativas inteligentemente propostas, estimula as capacidades na procura de soluções que evitem a completa imobilidade. Convenientemente acidentada, a caminhada para a confrontação existencial, liberta-nos do hábito anestesiante. A exploração de elementos experimentais *demonstra-nos até que latitude o homem contém, no âmago da sua personalidade, do seu ser falível, a depressão, a desintegração, a utopia.*

Chegados a este ponto, podemos afirmar que alguma coisa se pode cumprir por qualquer forma. A sensação do incomunicável sente-se — premissa não comum — como necessidade imperiosa de procura. Assim, como a atitude iniciática, impõe-se a destruição da linguagem da sociedade, desprovida já da sua real participação, hoje apenas lugar-comum de frases feitas, fórmulas ocas e rótulos. Uma linguagem fossilizada, arqueológica, congelada.

Processe-se então uma estrutura de busca a novos caminhos, permeável à reidentificação, ao reexame ideológico, à realização humana. A linguagem vigente já nada nos diz; não pode por isso servir mais de comunicação entre os homens, declarada imprópria para restituir expressão ao que se enraizou nas mentalidades bitoladas, convertendo-as em objectos. Necessita-se de uma procura semelhante à que se faz para encontrar, na obra de arte, a expressão de uma realidade incomunicável que se tenta sempre *comunicar e que* pode *ser comunicada. Eis uma verdade paradoxal.*

E o incomunicável só permanecerá até ao momento em que deixarmos de nos preferir a nós próprios.

ARTUR FINO

ARCA de Antiguidades

Secção dirigida pelo Dr. Humberto Leitão

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA AVEIRENSE NO SÉCULO PASSADO

Reveste-se sempre de particular interesse o conhecimento da terra em que vivemos, — nos seus aspectos actuais e passados.

As actividades das gerações que nos precederam e que imprimiram às coisas que usufruimos uma valorização nem sempre apreciada, actividades parcelares de um comum esforço pelo engrandecimento da grei, merecem ser postas em relevo tanto quanto possivel.

É o que fazemos hoje, reunindo e arquivando alguns curiosos apontamentos da vida aveirense de há um século, apontamentos recheados de interesse para os estudiosos, e plenos de contrastes e de elementos elucidativos para uma melhor compreensão destas terras de Aveiro.

Estrada de ligação da cidade à Estação do Caminho de Ferro

Discutiu-se a necessidade desta ligação na sessão camarária de 23 de Maio de 1863, pelas vantagens que daí viriam para o comércio, indústria e agricultura; mas porque o Município não poderia levar a efeito a sua construção por falta de réditos dirigiu uma representação a Sua Magestade pedindo auxílio. Comprometia-se, todavia, a Câmara a dar imediatamente a quantia que a Lei das Estadas estabelece em tais casos, e solicitava igualmente de Sua Magestade a graça de ordenar ao Director das Obras Públicas do Distrito que, sem perda de tempo, procedesse aos estudos, à formação da planta, e ao respectivo orçamento, para em presença de tudo Sua Magestade determinar a sua factura.

Mais se solicitava que se estudasse a estrada pelo ponto que ao mesmo Director, de acordo com a Câmara, parecesse mais conveniente, e isto com urgência, atendendo a que a Estação e a via estavam muito adiantadas e a exploração próxima.

Casa da Medição das Farinhas

Em 1862, a Câmara resolveu fazer urgentes obras na Casa da Medição das Farinhas, visto que se encontrava num estado imundo e toda esburacada pelos ratos, que sobre a farinha «ejectavam excrementos e humores nocivos, ficando alguns sobre ela agonizantes, em consequência do arsénico que lhes davam a comer». Convinha evitar de pronto estes males, porque se tornavam prejudiciais à saúde pública.

Bairro do Rossio

A sessão da Câmara, em 7 de Janeiro de 1865, foi presente um requerimento do bacharel Bento de Magalhães, no qual, expondo a grande falta de casas, principalmente para a classe pobre dos pescadores, «em cujo bairro estão famílias aglomeradas em casas que não comportam um tão grande número de moradores, lembra à Câmara que podia aquele bairro

Continua na página quatro

PLANO DE ACTIVIDADE MUNICIPAL

Aqui se prometeu dar conta do Plano de Actividade da Câmara Municipal de Aveiro para o próximo ano — bem como dos motivos, invocados pela Presidência do Município, para o que ainda se não realizou. De tudo os munícipes merecem — e certamente desejam — ser esclarecidos.

Assim, e cumprindo, começamos hoje por dar à estampa a parte preambular do Relatório que — já também aqui o dissemos — foi subscrito pelo ilustre Presidente da Câmara, presente ao Conselho Municipal e ali apreciado e aprovado em reunião de 13 do corrente.

VEM-SE afirmando e, aliás, continua a ser realidade incontestável, que planear é relativamente fácil; outrotanto se não poderá dizer quanto à execução do que se planeia, por vezes extremamente difícil, pelas contingências circunstanciais, tantas vezes, as mais inesperadas.

Mas, como é mister indicar a linha de rumo de actuação municipal para o ano que se avizinha, mais uma vez nos sentimos na obrigação de, em linhas gerais, dizer do que pretende ser a actividade camarária para 1969. E faz-se pela quarta vez, plenamente convicto que algumas das realizações, que se antevêm, não poderão vir a ter a concretização desejada, pois o momento que se vive, de dificuldades de vária ordem, somatório das dependentes do circunstancionalismo financeiro, para além das inerentes ao tecnicismo e das resultantes da peia burocrática, a que se está subordinado, poderão reduzir largamente o plano de actuação que se deseja, à semelhança do que sucedeu no ano em curso, em que não vimos realizadas algumas aspirações que reputávamos de primordial importância. Naturalmente que tudo aquilo que se planeou para 1968, e que não houve possibilidade de concretizar, transita na íntegra para o próximo ano, na esperança de se proporcionar nova oportunidade para sua plena satisfação.

Assim, dominando a actuação próxima, ter-se-á em vista solucionar problemas fundamentais, há largos anos a aguardarem adequada satisfação, por dependerem de planos definidos de orientação, a permitirem a execução de obras visando valorizar uma cidade que domina um concelho em crescente desenvolvimento económico-social, mercê das qualidades de trabalho da população nele integrada e das características que lhe advem da sua situação geográfica, com condições ímpares na panorâmica geral do País.

Via dolorosa a do marnoto, na conquista do sal à marinha — labor salgado com suor! E quando o sol e a brisa não são a regra nos estirados meses de Maio a Setembro, mais salgado fica o punhadito de sal que o marnoto consegue arrancar nas clareiras das brumas e das borrascas. A safra deste ano é pouco sal muito salgado de improficuos suores. Fica, todavia, ao marnoto, para tempero do infortúnio, a esperança duma problemática compensação: «Atrás de tempo, tempo vem — e pr'ó ano se verá...». Altos e baixos do carrocel que gira lá para além da ponte da Dobadoura e do Canal de S. Roque, desde há mil anos — desde os tempos da Momadona!

DOIS LIVROS

Continuação da primeira página

iniciativa de Mons. Anibal Ramos, divulgar um excelente estudo etnográfico, publicado, há quase meio século, em «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia». O estudo de Miranda de Andrade aparece-nos ainda valorizado com fac-símiles de cartas inéditas sobre algumas obras poéticas de Luís de Magalhães. As oitenta páginas d'«Os Povos do Baixo Vouga» estão enriquecidas com breve, mas agudo, prefácio do Professor Fernando Magano.

Não deixa de ser curioso assinalar que Luís de Magalhães e Jaime de Magalhães Lima, familiarmente ligados pela mais próxima afinidade, se tratavam carinhosamente como se fossem irmãos de sangue. E ambos estão fundamente ligados a Aveiro: Luís de Magalhães, filho do glorioso tribuno José Estêvão, aqui exerceu cargos de responsabilidade — e sempre trazia Aveiro nos olhos e no coração, como seu berço que só o acaso balançou na capital; Jaime Lima, nado e criado em Aveiro, aqui pensou e aqui escreveu e aqui amou entranhadamente o povo e a paisagem aveirenses.

Coincidências são estas que, ajuntadas à coincidência da reedição de dois livros dos dois ilustres vultos do pensamento português, nos concitaram a assinalar este último acontecimento sob a mesma epígrafe.

JULIETA DOS ESPÍRITOS

Continuação da primeira página

focar como o momento-movimento de uma diacronia (que já nem vem da infância mas até do princípio do homem, da vida, da electricidade, da energia), ou se fizer de tal modo que essa focagem se mantenha viva estando ausente; e bem, então o real saltará à vista como um complexo de estruturas englobantes e constituintes do movimento e englobadas e superadas na e pela acção. Tem um sentido completamente diferente dizer que o Pessoa, bêbado e sem dinheiro, está no quarto duma mansarda a escrever com uma tabacaria em frente, e dizer que o Jorge Amado, com os bolsos cheios, está a escrever no quarto dum grande hotel, com uma tabacaria no hall. Não se explica por aqui uma oposição de pessimismo e optimismo, mas qualquer estudo ou breve focagem tem que ser englobante.

Pois bem, parece-me que um dos grandes pecados de Fellini foi ter falhado na aparição das estruturas — que não aparecem. Jorge faz relações públicas; mas nós não sabemos em que estrutura — mental, social, económica, etc. — ele se move, porque ele aparece quase simplesmente como o alibi para que Julieta tenha um drama e Fellini faça um filme; ele parte porque precisa de estar só: e porquê? Porque vive uma ambiguidade com implicações, também, psicanalíticas; então porque interessa só o inconsciente de Julieta? Vou mais longe: o inconsciente existe? Ou não será uma maneira consciente de uma camada social viver calma «por fora» e intranquila «por dentro», fingindo ignorar que não há dentro nem fora? Uma capacidade do consciente se fugir como tal e se ocultar? Ou, mesmo, uma sempre possibilidade de devir consciente? Então, e se se quiser fazer um filme «neste estilo» porque não saber onde denunciar? Porquê fazer pensar que só Julieta se move em drama? E o drama da vizinha, real ou não ante os olhos de Fellini, que ao que parece não tem dificuldades económicas? Numa palavra: quanto a estruturas, Fellini só se preocupou com as de consciência, e, muito pior as da consciência de Julieta. O filme é, sòmente, o drama de uma mulher. O «Deserto Vermelho», por exemplo, é o drama de um grupo social-económico-mental que está integrado numa classe definida e definivel. Todos os complexos englobantes saltam diante dos olhos em realidade de movimento. Ao contrário se passa com Julieta dos espíritos.

Outro grande pecado de Fellini: usar o desusado conceito (já preconceito) freudiano do inconsciente como sala ou divisão fechada por uma porta; quando Julieta abre a porta, derrubando o convencionalismo da mãe que lhe não responde-co-responde ao apelo e compreende e aceita tudo, e deixa cair a imagética da alucinação cujo problema de base é a representação da santa queimada, e essa porta, imaginária, é a penetração no inconsciente; e o inconsciente, «vindo de cima», com catarse ou sem ela, resolve tudo e todo o mundo devém feliz; e deixa que se aceite — ou não — um espírito bom; e tudo (toda a população do mundo) é reduzida à pseudo-felicidade-estagnada-estagnante de uma mulher com espíritos; então está-se perante a fuga a uma realidade social muito mais vasta e pessoal muito mais profunda. O drama de Julieta não acaba aí no fim, porque nenhuma pessoa consegue habitar ou desabitar um drama — como quem se veste ou despe — consoante descobre, por acaso ou não, mas por isso só, a chave de um significante—condicionante—provocante de consciência-infância. É-se drama na medida em que se é vida e a vida é um ser-se para a morte ainda que se construa um belo sol de matinal. Quando se pretende fazer crer que de certa altura em diante Julieta é e será feliz, está-se a cair num equívoco: ela, Julieta, se o pensou, enganou-se. E por se ter pseudo-descoberto, não vai deixar de ter duas criadas que lhe pedem, de vez em quando, para sair, pedido esse tanto mais mal-aceite quanto mais insistente. A «solução» de Étaix, em «yo-yo», isto é, a vida circence, a vagabundagem, a solidão, a poesia, parece-me muito mais lúcida: se pode ser um abandono de certas realidades sociais — podendo, no entanto, não o ser — é uma escolha real, verdadeira, autêntica; não engana ninguém. É ele, o personagem, que se escolhe. Mas aqui é Fellini, por meio de Julieta, que opta pela psicanálise como solução de todos os problemas; e o filme, para lá de uma belíssima imagem, pode surgir como propaganda. E profundamente errada.

Porque se o personagem tem meios para «solucionar» desse modo o seu caso, isso não deixa de ser um privilégio; Fellini, além de não ter sabido resolver universalmente a sua escolha, reduziu falaciosamente o universal ao particular — particular pouco até representativo, na medida em que isolado de outras circunstâncias não psicológicas. Se aceitarmos a expressão de Ortega y Crassett «eu sou eu e a minha circunstância» — ele devia ter dito na — não podemos deixar de admitir que esta não se reduz ao puro jogo de presen-

Conclui na página cinco

O COMUNICÁVEL E O INCOMUNICÁVEL

«...se um homem me disser alguma coisa que eu não julgar verdadeira, estarei proibido de fazer mais do que congratular-me com ele pelo brilhantismo da sua mentira ?» — *Kenneth Tynan*

O ser humano está sentado *no interior das grandes metrópoles, sem possibilidade de comunicação entre si. Imolado ao poderio das grandes massas.*

Paradoxalmente, a comunicação parece desconexar-se na inversa proporção do crescimento dos centros urbanos.

A impessoalidade cresce *com a progressão dos aglomerados. Perde-se (ou vai-se perdendo) num vácuo e estéril mundo, toda a sentimentalidade, humildade e pensamento humanos; deixando-nos por* sobra *uma socialidade aliena-*

Continua na página nove

ARTUR FINO

Litoral

AVEIRO, 28-SETEMBRO-1968
ANO XIV - N.º 725 - AVENÇA

Ex mo Sr.
João Sarabando